



## A DANÇA NA ESCOLA: UMA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Júlia Caldeira de Souza\*  
Helena Thofehm Lessa\*\*  
Elisa Gouvêa Portella\*\*\*  
Maria Laura Resem Brizio\*\*\*\*

### RESUMO

O presente estudo objetiva verificar se os professores licenciados em Educação Física (EF) incluem o ensino da dança no seu plano de ensino escolar. Para atender aos objetivos propostos pelo estudo, optou-se pela utilização de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa. A amostra do estudo foi composta por seis professores de EF, que participaram de uma entrevista semiestruturada, abordando questões sobre o seu perfil, suas aulas de EF e, principalmente, sobre o seu trabalho com a dança. Foi concluído que cinco dos seis professores entrevistados não trabalhavam com a dança nas aulas de EF e o principal motivo mencionado foi que a graduação não forneceu base para os professores conseguirem trabalhar com a dança na escola.

**Palavras-chave:** Dança; escola; ensino; educação física escolar.

DANCE AT SCHOOL: A PERSPECTIVE OF TEACHERS OF PHYSICAL EDUCATION

### ABSTRACT

The objective of this study is to verify whether teachers of physical education (PE) include teaching dance in their school education plan. To meet the objectives proposed by the study, we chose to use a descriptive research with a qualitative approach. The study sample was composed of six PE teachers, who participated in a semi-structured interview about their profile, PE classes and mainly about their work with dance. It was found that five of the six teachers interviewed did not work with dance in EF classes and the main reason mentioned was that graduation did not provide a basis for teachers to be able to work with dance at school.

**Keywords:** Dance; school; teaching; physical education school.

## LA DANZA EN LA ESCUELA: UNA PERSPECTIVA DE LOS PROFESORES DE EDUCACIÓN FÍSICA

### RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo verificar si los profesores licenciados en Educación Física (EF) incluyen la enseñanza de la danza en su plan de enseñanza escolar. Para atender a los objetivos

\* Graduada pela Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas – UFPel

\*\* Doutora pela Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas – UFPel

\*\*\* Mestre pela Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas – UFPel

\*\*\*\* Doutora pela Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas – UFPel

propuestos por el estudio, se optó por la utilización de una investigación descriptiva con abordaje cualitativo. La muestra del estudio fue compuesta por seis profesores de EF, que participaron de una entrevista semi-estructurada sobre su perfil, sus clases de EF y principalmente sobre su trabajo con danza. Se encontró que cinco de los seis profesores entrevistados no trabajaban con la danza en las clases de EF y el principal motivo mencionado fue que la graduación no proporcionó base para que los profesores pudieran trabajar con la danza en la escuela.

**Palabras clave:** Danza; escuela; enseñanza; educación física escolar.

## 1. INTRODUÇÃO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/1996 (LDB 9.394/1996), instituiu o ensino obrigatório da Educação Física (EF) na Educação Básica em território nacional. Em 1997, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a dança aparece nos blocos de conteúdo da Educação Física, na parte de “Atividades rítmicas e expressivas”. Nesse mesmo documento, conforme ressalta Marques (2012), a Dança foi incluída como conteúdo a ser trabalhado na escola, na área de Arte, com o Teatro, Música e Artes Visuais.

Segundo Strazzacappa e Morandi (2006), o registro propõe que o enfoque dado a “Atividades rítmicas e expressivas” é complementar ao conteúdo “Dança”, do documento de Arte. Nessa última seção, foram encontrados maiores subsídios para desenvolver um trabalho de dança no que se refere aos aspectos criativos e à concepção de dança como linguagem artística. Nesse sentido, a dança é presente como conteúdo, tanto da área de Educação Física, quanto da área de Arte, trazendo descompassos e provocando reflexões sobre as competências e singularidades de cada área.

Afinal, qual é o papel da dança na escola? Onde ela pode ser inserida? Qual o profissional mais qualificado para trabalhar com ela? Questionamentos como esses instigaram a realização do presente estudo e, também, foram trazidos por Barreto (2004), Strazzacappa e Morandi (2006) e Porpino (2012) em seus estudos. As respostas para tais questões não são simples, objetivas e universais, mas a busca por reflexões que possam auxiliar a pensar no lugar da dança e de suas possibilidades na escola parece ser o caminho mais lógico. Para Barreto (2004, p.117),

A dança pode contribuir para a área de Educação Física na medida em que, através da experiência artística e da apreciação, estimula nos indivíduos os exercícios da imaginação e da criação de formas expressivas, despertando a consciência estética, como um conjunto de atitudes mais equilibradas diante do mundo. Por outro lado,

a Educação Física também pode contribuir de forma relevante para a área de Dança, ampliando discussões sobre a corporeidade e a motricidade humana que atribuem ao corpo que dança um sentido muito maior do que lhe foi concedido por muito tempo, no contexto de práticas tradicionais que privaram estes corpos da sua própria identidade e expressividade.

Escobar (2005) afirma que, dentro da EF, a dança se caracteriza por ser uma prática que, além de enaltecer o movimento, requer elementos, como: ritmo, expressão e forma. Portanto, todos os componentes trabalhados na dança criam experiências que auxiliam na elaboração do pensamento, implicando uma consciência rítmica, recepção auditiva e compreensão intelectual da música. Levam, ainda, a um desenvolvimento maior, que apenas às faculdades corporais e mentais, contribuindo para a formação integral da personalidade, em todos os indivíduos escolares.

Outros autores, dentre eles Freire (2003), Silva (2000) e Saraiva-Kunz (2003), também afirmam que a dança, enquanto conteúdo da EF, se torna uma atividade que prioriza a educação motora consciente e global. Além disso, é direcionada ao comportamento dos alunos e de suas atitudes, além de ser entendida como um movimento histórico-cultural que contribui, com autonomia, para a vida, desenvolvendo a criatividade, a sensibilidade, a expressão e a corporeidade.

Apesar dos benefícios evidenciados, um dos problemas significativos na falta da prática de dança dentro da EF escolar é a ausência de profissionais qualificados, que se disponibilizem a trabalhar com os conteúdos previstos. Na maior parte dos casos, os professores não sabem exatamente o que, como, ou até mesmo por que ensinar dança na escola. Sendo assim, a formação de professores é um dos pontos críticos no que diz respeito ao ensino da dança em nosso sistema escolar. (MARQUES, 2012).

Sabemos que, mesmo sendo reconhecida como componente curricular da educação básica, a educação física continua, na prática, sofrendo com a marginalização perante as outras áreas de conhecimento da escola, assim como o ensino da arte. Paralelamente, a dança, na própria educação física, passa por um processo similar de marginalização, já que nem sempre consegue o devido espaço diante de outros conhecimentos da própria área. (STRAZZACAPPA; MORANDI, 2006, p.102)

Mesmo que não tenham vivenciado experiências prático-teóricas como intérpretes, coreógrafos e diretores de dança, os professores de EF poderiam desenvolver conteúdos de dança nas escolas. Mas, parece que a dissociação entre ter essa experiência e não ter é o que geralmente reflete no interesse e na formação desses profissionais, nos cursos de licenciatura e, principalmente, no momento de repercutir essa prática no ambiente escolar.

Segundo Marques (2012), esse fator tem comprometido de maneira substancial o desenvolvimento do processo criativo da dança que poderia estar ocorrendo nas escolas.

A contribuição da dança, dentro das aulas de EF, é muito significativa, pois, na medida em que a experiência artística e a apreciação dos conteúdos forem trabalhados da melhor forma, há um estímulo nos indivíduos dos exercícios da imaginação e da criação de formas expressivas e criativas, despertando a consciência estética corporal. (BARRETO, 2004). Nascimento e Klee (2012) também afirmam que a dança, dentro da EF escolar, quando explorada além dos seus objetivos e das qualidades físicas que desenvolve, pode extrapolar este campo e passar a ser trabalhado com propósitos sociais e culturais muito maiores, ampliando o universo corporal dos alunos que a praticam. Apesar disso, sabe-se da dificuldade que os professores de EF enfrentam para disponibilizar essa prática aos seus alunos e, por essa razão, o objetivo do presente estudo foi verificar se os professores licenciados em EF, que atuam nas três redes de ensino (municipal, estadual e particular), da cidade de Pelotas/RS, incluem o ensino da dança no seu plano de ensino escolar, bem como conhecer os facilitadores e as barreiras que envolvem o desenvolvimento desse conteúdo.

## **2. DECISÕES METODOLÓGICAS**

Para atender aos objetivos propostos pelo estudo, optou-se pela utilização de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, a qual se caracterizou por selecionar os dados diretamente na fonte de origem, através de entrevistas semiestruturadas. O estudo qualitativo observa o fato no meio natural, buscando enfatizar a compreensão da singularidade e a contextualidade de fatos e eventos, destacando a subjetividade como um aspecto relevante. (GIL, 2009; ANDRÉ, 1989).

Os participantes do presente estudo foram seis professores licenciados em EF, que atuavam nos anos iniciais e finais do ensino fundamental e no ensino médio, em escolas municipais, estaduais e privadas na cidade de Pelotas/RS. Para a coleta de dados, inicialmente foi realizado um levantamento da lista das escolas municipais, estaduais e particulares da cidade de Pelotas/RS. De posse dessas listas com o nome, endereço e telefone das escolas, o passo seguinte foi conseguir o número de turmas de cada escola. Todos esses dados foram obtidos através de contato direto com a Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED), com a 5ª Coordenadoria Regional da Educação (5ª CRE) e, através do Guia Telefônico Eletrônico, onde as escolas particulares estão registradas.

O número de turmas em cada escola foi de extrema importância para organizar a divisão das escolas em dois grupos: 1) pequeno; e 2) médio/grande porte. O critério para essa divisão foi o número de turmas de acordo com a lei nº 12.242, de 28 de junho de 2002, a qual define o porte das instituições da seguinte forma: I – pequeno porte: abaixo de 20 turmas; II – médio porte: de 20 a 40 turmas; e III – grande porte: acima de 40 turmas. As escolas de médio e grande porte foram agrupadas, visto que, na cidade de Pelotas, há apenas duas escolas que atendiam os critérios do grande porte.

Com a divisão das escolas em grupos já estabelecidos, foi realizado um sorteio para definir quais participariam do estudo. De todas as escolas da cidade de Pelotas/RS, foram sorteadas seis: três escolas de pequeno porte, sendo uma da rede municipal, uma da rede estadual e uma da rede privada; e mais três escolas de médio/grande porte, sendo uma da rede municipal, uma da rede estadual e uma da rede privada. Após o sorteio das seis escolas que participaram do estudo, um novo sorteio foi realizado para definir as turmas de cada uma delas. A turma sorteada teve o seu professor titular de EF como participante do estudo, não havendo recusa alguma de suas partes.

Em suma, foram sorteados seis professores das três redes de ensino. A abordagem desses docentes foi feita por meio de contato com a escola. Para sua formalização, foi entregue uma carta de apresentação e as entrevistas foram realizadas no local de escolha do professor, sendo conduzida de maneira informal e buscando a maior qualidade e quantidade de informações possíveis.

A entrevista semiestruturada com os professores foi composta por questões sobre seu perfil (ano de formação/instituição, idade, tempo que trabalha na escola, carga horária que trabalha), suas aulas de EF (planos de ensino e planos de aula) e o seu trabalho com a dança, dentro das aulas de EF (se trabalha ou não, como trabalha, por que não trabalha, barreiras e facilitadores para o ensino da dança). Cabe salientar que a entrevista semiestruturada tem como característica principal acontecer em forma de diálogo e é baseada em um roteiro adaptável e flexível. As entrevistas foram gravadas para melhor aproveitamento das informações e transcritas, posteriormente.

A entrevista teve enfoque na turma em que o professor foi sorteado. Logo após, com base nas respostas das entrevistas e para facilitar a realização de um comparativo entre as respostas dos professores, foi criada uma matriz de análise para melhor organização dos principais resultados, sendo todo esse processo desenvolvido pela pesquisadora principal.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, segundo o protocolo 78042517.5.0000.5313. Os professores que participaram da pesquisa assinaram um termo de consentimento e suas identidades foram mantidas em sigilo e em anonimato, no decorrer do trabalho. Essas informações foram armazenadas na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas.

### **3. ANÁLISE E DISCUSSÃO**

Este estudo qualitativo teve como objetivo central verificar as principais barreiras e facilitadores encontrados pelos professores licenciados em EF, em desenvolver o conteúdo dança no componente curricular. Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada, a qual forneceu informações sobre o perfil dos professores entrevistados, suas aulas de EF na escola, sua graduação e, principalmente, sobre o trabalho do professor com a dança na EF escolar.

A amostra foi composta por seis professores licenciados em EF, sendo três da rede pública e três da rede privada. Dois professores atuavam nos anos iniciais do ensino fundamental, dois nos anos finais e dois no ensino médio. Participaram duas professoras e quatro professores. A idade da amostra variou de 35 a 52 anos.

A maioria dos professores da amostra era formada em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas (quatro professores em Licenciatura Plena e um em Licenciatura), variando os anos de graduação entre 1990 a 2011, enquanto um professor graduou-se em Educação Física, pela Universidade Federal do Pampa (Licenciatura Plena), tendo seu ano de conclusão de curso em 2012. Os professores entrevistados tinham carga horária de, aproximadamente, 40 horas semanais. Com exceção de um professor, que tinha dedicação exclusiva, o restante dos professores dividia essas horas semanais em duas escolas.

Em relação aos conteúdos abordados pelos professores de EF, todos afirmaram que o conteúdo de suas aulas abrangia, majoritariamente, o ensino dos esportes coletivos, ignorando algumas práticas, como as lutas, a ginástica e a dança. A maioria dos professores entrevistados admitiu que essas práticas não são comuns em suas aulas de EF. Segundo os PCNs (BRASIL, 1997), a EF é entendida como uma área que trata da cultura corporal de movimento, que tem como temas o jogo, a ginástica, o esporte, a dança, a capoeira e outras temáticas, que estabeleçam relações com a cultura corporal de movimento e influenciam

a compreensão do contexto histórico, social e cultural pelos alunos. O fato dos professores de EF “ignoram” o desenvolvimento da dança dentro de suas aulas é muito questionado no estudo de Darido e Rangel (2008, p. 27), em que as autoras criticam a postura profissional docente, quando este sujeito responsável pela formação de tantos outros restringe a sua prática pedagógica ao ensino de modalidades esportivas clássicas. Apesar disso, ao longo da formação acadêmica recebeu-se orientações e conhecimentos sobre atividades rítmicas e expressivas da cultura corporal.

Dentre as dificuldades citadas pelos professores de EF para ministrarem suas aulas estão a carga horária extensiva e o estresse que a mesma causa. Segundo a Professora número 2, que trabalha há 17 anos na área, com a carga horária de 40 horas semanais (20h como professora e 20h como coordenadora da escola em que atua),

A carga horária extensiva prejudica muito o trabalho do professor, porque para ter uma recompensa financeira significativa, temos que trabalhar muito e ainda não recebemos um salário satisfatório no final. Nós trabalhamos com a mente e com o corpo, então chega uma fase da vida que não aguentamos mais, literalmente, dar aulas (Informação verbal Professora 2).

Resultado semelhante foi encontrado no estudo de Meleiro (2002), o qual demonstrou que a vida moderna e as exigências no âmbito do trabalho levam os indivíduos a, gradativamente, desenvolver algum tipo de disfunção, uma vez que, as atribuições diárias, a falta de tempo para o lazer, o pouco tempo para o descanso e o sono, acabam resultando em má qualidade de vida e, conseqüentemente, em estresse.

Outra dificuldade mencionada pelos professores foi a relação entre o aumento da idade dos alunos e o desinteresse pelas aulas de EF:

Os alunos mais velhos pensam que estão livres da EF, mas na realidade é quando eles mais devem ser cobrados. Existe uma exposição muito grande nas aulas de EF e os adolescentes ficam muito envergonhados por terem que aderir às práticas. (Informação verbal Professor 3)

Tal fato corrobora com resultados encontrados no estudo de Neto (2010), que relata sobre o desinteresse dos alunos nas aulas de EF. Há uma característica que o torna mais explícito e controlável, já que as aulas de EF em geral são pedagogicamente tratadas como atividades de fruição corporal. Enquanto em outras disciplinas os alunos desinteressados podem passar despercebidos, na EF eles são facilmente localizáveis. Essa afirmação pode explicar o resultado encontrado no presente estudo, já que conforme os alunos vão ficando mais velhos, a vergonha de se expor se torna maior também.

Em relação às facilidades encontradas pelos professores para ministrar as aulas de EF na escola, quatro dos seis professores entrevistados elogiaram a infraestrutura e os materiais disponíveis na escola. A influência da infraestrutura e dos materiais adequados para as aulas de EF foi ponto principal no estudo de Bracht (2003), que afirmou que a existência de materiais, equipamentos e instalações adequadas é importante e necessária para as aulas de EF, já que sua ausência ou insuficiência pode comprometer o alcance do trabalho pedagógico. Consideramos, a partir do diálogo com os entrevistados, que o professor pode superar as dificuldades impostas pela falta de locais adequados e materiais, mas, como destaca Somariva (2013), é preciso um olhar mais direcionado à qualidade do ensino no Brasil para que o professor adentre em sala de aula motivado, beneficiando a todos neste processo. O profissional realizado sempre procura melhorar e se aperfeiçoar, o que resulta em benefícios para a formação dos futuros profissionais e para a melhoria do atual quadro em que se encontra a educação de nosso país.

A questão central deste estudo foi investigar se os professores de EF incluíam a dança nos seus conteúdos e, se não incluíam, compreender o porquê de não ensinarem. Constatou-se que cinco, dos seis professores entrevistados, não trabalhavam com a dança nas aulas de EF e o principal motivo mencionado foi que a graduação não forneceu base para os professores conseguirem trabalhar com a dança na escola. Esse resultado corrobora com as ideias trazidas por Strazzacappa e Morandi (2006), em que as autoras destacam que os cursos de graduação em educação física dão um enfoque restrito ao conteúdo de dança em comparação aos outros conteúdos da área, o que acaba refletindo diretamente na educação básica.

Resultado semelhante foi encontrado no estudo de Cruz (2015) que, com base nas entrevistas realizadas com professores de EF, encontrou que apesar de suas graduações oferecerem uma formação inicial, conhecimentos sobre o planejamento e o ensino de dança na escola, os professores não possuíam clareza ou segurança para organizar o processo de aprendizagem do aluno em relação à dança nas aulas de EF. Então, suspeitou-se de uma incipiente formação na graduação que não qualifica o professor para o trato pedagógico com a dança no currículo escolar ou uma inadequada formação em dança, que em muitos casos é restrita a uma única disciplina do curso de graduação, com carga horária insuficiente, o que dificulta e/ou impossibilita o aprofundamento necessário de conhecimentos e experiências com o ensino da dança. Além disso, é possível citar a inexistência de ações de extensão nos cursos de graduação voltadas à dança que possam ampliar as experiências do futuro professor.

Os fatores apontados acima podem servir como obstáculos para o ensino da dança nas aulas de EF, de forma que o professor tem optado por oferecer ao aluno as tradicionais práticas esportivas. Em contrapartida, Rocha (2007) afirma que se sabe que a universidade não irá fornecer fórmulas pré-fabricadas e receitas de como trabalhar a dança na escola. É necessário que os profissionais acreditem em sua criatividade e experiência de vida, trabalhando os aspectos que consideram mais importantes para o desenvolvimento do aluno na escola. Nesse sentido, a dança favorece o desenvolvimento da capacidade de criar, explorando o mundo e, dessa forma, se coaduna com o papel inerente à escola e, portanto, deve ser explorada e contextualizada enquanto conteúdo mediador do patrimônio social.

Dois dos seis professores entrevistados afirmaram que não trabalham com a dança, pois o dever desse ensino é da disciplina de Arte, ou das atividades extracurriculares. O Professor 3 comenta que “Em minha opinião como leigo na área da dança, os professores de Arte são muito mais capacitados para trabalhar com esse conteúdo, já que dentro da formação deles existe uma base muito maior que a nossa, professores de EF”.

De encontro ao que os professores trazem na entrevista, os PCNs afirmam que o ensino da dança nas escolas brasileiras deve ser abordado dentro dos conteúdos de EF (Jogos, Ginástica, Lutas, Dança e Atividades Rítmicas) e também de Arte (Teatro, Música, Dança e Artes Visuais). Nesse documento, a EF não exclui o conteúdo dança de seu campo de atuação e afirma que o ensino de dança na escola deve ser de responsabilidade tanto do professor de Arte quanto do professor de EF. Também no estudo de Sousa (2014), o qual investigou a relação de professores de EF e de Arte com o ensino da dança, os professores manifestaram suas opiniões sobre quem deveria ministrar os conteúdos de dança na escola. Tanto os professores de EF quanto os de Arte apontaram aos profissionais de cada disciplina a responsabilidade de ministrar tal conteúdo, evidenciando uma maneira de defender e preservar esse direito a sua área de atuação.

No presente estudo, metade dos professores entrevistados afirmou utilizar os PCNs como base para a execução do seu plano de ensino e planejamento nas aulas de EF, mas, apesar disso, não incluem a dança nos seus conteúdos ministrados. O estudo de Rocha (2007) analisou também o trabalho dos professores com a dança na escola e observou-se um resultado semelhante ao encontrado no presente estudo, uma vez que o fato dos professores conhecerem e se basearem nos PCNs para ministrar suas aulas não significa que eles irão trabalhar com dança. Então, quando se tenta analisar esta questão, verifica-se que a formação profissional tem muita ênfase em modalidades esportivas, e esses conteúdos

são considerados mais importantes, constituindo os fatores que colaboram para a ausência da dança no contexto escolar.

No que tange o ensino da dança na escola, apenas a Professora 4 afirmou trabalhar efetivamente com o conteúdo nas aulas de EF. Essa professora relaciona o seu trabalho com a dança com a sua experiência prévia como bailarina até o final da sua graduação. Isso vai de encontro ao pensamento de Marques (2012), em que a autora destaca que os professores de EF deveriam vir trabalhando com dança nas escolas sem que necessariamente tenham vivenciado experiências prático-teóricas como intérpretes, coreógrafos e diretores de dança. No entanto, a dissociação entre ter essa experiência e não ter é o que geralmente reflete na formação destes profissionais dos cursos de licenciatura/pedagogia/magistério, o que tem comprometido de maneira substancial o desenvolvimento do processo criativo da dança, que poderia estar ocorrendo nas escolas.

A Professora 4 afirma que o seu trabalho é realizado dentro da própria quadra esportiva da escola, já que a escola não possui um espaço adequado para a prática da dança. Mesmo com essa dificuldade, a professora afirma que a estrutura não é um impedimento para o trabalho com a dança no ambiente escolar. Nesse sentido, cabe trazer a reflexão feita por Brasileiro (2002-2003, p.48-49), em que a autora diz:

No que se refere à questão estrutural, pensa-se, automaticamente, em uma sala ampla, piso liso, espelhos por todos os lados, acompanhada de um som de qualidade, da mesma forma que pensamos em quadras sem buracos e com cobertura, bem como demarcação de todas as modalidades esportivas. Essa, sem sombra de dúvida, não é a realidade das escolas públicas do nosso país. O interessante a se notar é que, apesar da quadra não ser a desejada, nós continuamos a tratar o conteúdo esportivo, com seus limites, é claro. E por que não ampliarmos nossa estrutura física para além da quadra, com salas de dança e ginástica? Não estamos, aqui, querendo explicitar uma elucubração e sim, possibilitar pensarmos o espaço físico como um desafio constante para professores que pensam em uma EF que amplia suas referências de conhecimento.

Desse modo, apesar de a realidade de muitos professores ainda seja não ter o espaço físico “adequado” para a prática da dança na escola, é possível que esse conteúdo seja disseminado, uma vez que a única professora de EF que trabalhava com a dança nesse estudo não era beneficiada com uma sala específica.

Por fim, a Professora 4 acredita que a dança pode oferecer a vivência de algo diferente do que os alunos estão acostumados na escola, que pode relaxá-los, socializá-los de uma maneira diferente, diverti-los e proporcionar conhecimentos sobre o corpo.

De forma semelhante, os professores entrevistados no estudo de Cruz (2015) relacionaram o objetivo do ensino de dança nas aulas de EF com a possibilidade de autoconhecimento e interação social entre os alunos.

Ainda, segundo Verderi (2000), a dança, trabalhada dentro da área de conhecimento da EF, deve ter como objetivo uma atividade pedagógica que desperte no aluno uma relação concreta sujeito-mundo. Deve, também, propiciar atividades geradoras de ação e compreensão, favorecendo a estimulação para ação e decisão no desenrolar das mesmas, para, assim, poder modificá-las frente a algumas dificuldades que possam aparecer, assim como reforçar a autoestima, a autoconfiança e o autoconhecimento. Em relação ao exposto, a professora acredita que a dança pode propiciar, aos seus alunos, outra visão de mundo, concedendo à experimentação de outras possibilidades corporais e uma ampliação na forma como eles enxergam a EF.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os principais resultados deste estudo sugerem que há uma carência na abordagem relacionada ao trabalho da dança escolar, uma vez que há professores de EF que não inserem esse conteúdo dentro das suas aulas. O problema fundamental mencionado pelos professores para justificar a falta desse conteúdo, em seus planos de ensino, foi a lacuna deixada pelas disciplinas que trabalham com o conteúdo de dança nos cursos de graduação em Educação Física. De acordo com eles, a deficiência de uma vivência prática é um fator contribuinte para que eles não consigam trabalhar com a dança em suas aulas.

Para essa lacuna na formação, evidenciada pelos professores entrevistados nesse estudo, sugere-se que a inserção de ações de caráter extensionista que tenham enfoque na vivência prática da dança podem auxiliar no aprofundamento desses conteúdos nas universidades. Além disso, entende-se que deve haver o entendimento e o interesse em trabalhar com os conteúdos de dança por parte dos professores de EF que atuam nas escolas. A dança é um dos conteúdos previstos pelos PCNs para ser trabalhado na área de EF e o fato de desconsiderá-la nas aulas não deixa de constituir uma prática pedagógica que restringe a vivência corporal dos alunos.

Mesmo concordando que o trabalho da dança, dentro da EF escolar, é de extrema importância para a descoberta dos alunos em relação ao próprio corpo, há professores que ainda não inserem esse conteúdo em suas aulas. A partir dessa realidade, esse trabalho

sugere que esses docentes abram seus horizontes em relação a essa prática para que possam instigar às crianças e aos adolescentes novos olhares e relações sobre o corpo. A dança na escola não deve ter a intenção de formar bailarinos, mas de possibilitar um contato mais efetivo de se expressar, criativamente, com o movimento, estimulando o autoconhecimento e a sensibilização dos alunos, assim como propiciando relacionamentos estéticos com outras pessoas e com o mundo. Assim, entende-se que a dança deve sempre ser trabalhada de maneira crítica, sem ignorar o papel social, político e cultural do corpo na sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M.E.D. **A pesquisa no cotidiano escolar**. In: I. Fazenda (Org.). Metodologia da Pesquisa Educacional. São Paulo: Cortez Editora, 1989.
- BARRETO, D. **Dança: Ensino, sentidos e possibilidades na escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- BRACHT, V. **A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física**. Caderno CEDES, ano XIX, nº 48, pp. 69-89, agosto 2003.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASILEIRO, L.T. **O conteúdo “Dança” em aulas de Educação Física: temos o que ensinar?** Revista Pensar a Prática, v. 6, p. 45-58, 2002-2003.
- DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- FREIRE, J. B; SCAGLIA, A.J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.
- GIL, J. **Movimento total: o corpo e a dança**. São Paulo; Iluminuras, 2009.
- MARQUES, I. **Dançando na escola**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- MELEIRO, A.M.A.S. **O stress do professor**. In: LIPP, M. E. N. (Org.). O stress do professor. Campinas-SP: Papyrus, 2002. p. 11-27.
- NASCIMENTO, F.M.; KLEE, M.H. **A dança como componente curricular no curso de educação física da Esef/Ufpel**. Revista Didática Sistemica, v. especial, n. 1, 2012.
- PORPINO, K.O. **Dança e Currículo**. In: Salto para o Futuro/TV Escola (MEC). Dança na escola: arte e ensino. Ano XXII – Boletim 2 – Abril 2012. Acesso em 17 out. 2018. Disponível em: <http://tvescola.mec.gov.br/tve/salto-acervo/edition;jsessionid=4208D9F56B741DF383AD5EB11E405C5C?idEdition=8257>.
- ROCHA, D.; RODRIGUES, G.M. **A dança na escola**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte v. 6, p. 15-21, 2007.
- SARAIVA-KUNZ, M.C. **Dança e gênero na escola: formas de ser e viver mediadas pela educação estética**. Tese (Doutorado em Motricidade Humana na especialidade de dança) – Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2003.
- SILVA, G.B. **Atividades rítmicas e expressivas: estruturação de um projeto de educação física escolar**. Monografia (Conclusão de curso de Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2000.

SOMARIVA, F. G.; VASCONCELLOS, D.I.C.; JESUS, T.V. **As dificuldades enfrentadas pelos professores de educação física das escolas públicas do município de Braço do Norte.** Anais V SIMFOP, ISSN 2175-9162. Tubarão: Junho de 2013.

SOUSA, N.; HUNGER, D.A.C.F.; CARAMASCHI, S. **O ensino da dança na escola na ótica dos professores de Educação Física e de Artes.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 28, n. 3, 2014.

STRAZZACAPPA, M.; MORANDI, C. **Entre a arte e a docência: a formação do artista da dança.** Campinas, SP: Papirus, 2006.

VERDERI, E.B.LP. **Dança na Escola.** Rio de Janeiro: Sprint, 2000.